



CASA

uma construção do cotidiano

EDUARDA REGINA LOPES FANK

CASA: UMA CONSTRUÇÃO DO COTIDIANO
EDUARDA REGINA LOPES FANK

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Cecília Maria de Morais Machado Angileli
Coorientadora: Vanessa Rosa Machado

Foz do Iguaçu, 2024

CASA: UMA CONSTRUÇÃO DO COTIDIANO

EDUARDA REGINA LOPES FANK

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Cecília Maria de Moraes Machado Angilel
UNILA

Coorientadora: Profa. Dra. Vanessa Rosa Machado

Profa. Dra. Patrícia Zandonade
UNILA

Profa. Dra. Mariana Barbosa de Souza
UFLA

Foz do Iguaçu, 2024

AGRADECIMENTOS

O maior agradecimento a toda minha família, mãe, pai, minhas irmãs por tudo em toda a vida.

Ao meus amigos do curso, parceiros de vida e trabalhos nesses anos, Jhennifer, Rafa (e Leo, enquanto na arquitetura), muito obrigada por todos os projetos, cafés e cervejas, por serem um dos motivos para eu conseguir chegar até o fim do curso.

Agradeço muito a Família Bloco do Pierrot, Agatha e Gabriel, que mesmo não estando nesse ambiente, escutaram milhares de áudios de milhões de minutos com divagações e dúvidas ao longo dos últimos meses, obrigada por todo o apoio.

Agradeço às minhas orientadoras, Cecília e Vanessa, que me ajudaram a entender o trabalho que eu gostaria de fazer e Elza, Loty, Nathalie e Rose por terem me recebido em suas casas para a realização desse trabalho.

RESUMO

Quando falamos sobre referências arquitetônicas é muito comum pensarmos em grandes obras reconhecidas, de arquitetos famosos, que tenham alguma importância histórica, estética ou dos projetistas. Entretanto, nossas cidades são construídas, em maioria, de edificações consideradas mais simples: as casas. Pensando na forma tradicional de coletar dados sobre uma cidade, geralmente falamos de técnicas como mapas, dados estatísticos, desenhos técnicos, que consideram dados quantitativos, representações em escala mais afastada. Porém, em cada casa há muitas informações, dados e histórias relevantes sobre a cidade que vêm juntos da vivência de cada morador, elemento de tamanha riqueza para o entendimento do cotidiano atual e da história local por meio das transformações feitas por seus moradores, assim como seus acervos pessoais de objetos. A casa é um elemento sempre vivo: enquanto há moradores, ela está em constante transformação, sendo um reflexo da atualidade de quem habita e também o seu local de memória, onde os elementos são organizados de acordo com suas necessidades, gostos e importância. Assim, procurando criar uma memória desses espaços que, geralmente, não se encontram registrados e documentados, quatro moradoras em três diferentes bairros (Centro, Cidade Nova e Jardim São Paulo) foram visitadas, e contaram seus relatos em relação com a casa, pedindo-lhes que contassem sobre a história delas naquele espaço e o apresentasse, mostrando seus cômodos, objetos e demais coisas que fossem relevantes. E por meio de fotografias e relatos pessoais, procura-se criar um acervo e registro sobre a arquitetura residencial da cidade de Foz do Iguaçu. As fotografias junto de áudios foram organizadas em uma exposição aberta a população.

Palavras-chaves: Casa; Fotografia; Oralidade;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
ESCALA DO COTIDIANO	14
DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO	16
CASAS	17
LOTY: HISTÓRIA DE OUTRAS CASAS	19
ELZA: CASA EM MUTAÇÃO	30
ROSE: CASA MULTIUSOS	41
NATHALIE: LIVROS E ARTE	51
EXPOSIÇÃO	58
CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68

INTRODUÇÃO

A cidade de Foz do Iguaçu está localizada no oeste do Paraná (Brasil), numa região de fronteira com a Argentina e o Paraguai, territórios com os quais mantém importantes relações sociais, culturais e econômicas. Atualmente tem duzentos e oitenta e cinco mil e quatrocentos e quinze habitantes, conforme o Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Foz do Iguaçu é muito conhecida por conta do turismo, tendo pontos de visitação tão importantes como as Cataratas do Iguaçu e a Usina Hidrelétrica de Itaipu, construção que trouxe grande crescimento para a cidade. A possibilidade de visitar os países que compõem a tríplice fronteira também é um atrativo da cidade. A partir desse enfoque, a história “oficial” da cidade é, geralmente, contada por meio de instituições que privilegiam a construção da cidade como pólo turístico, inclusive o próprio Plano Diretor da Cidade posiciona o turismo como “vocação principal” (FOZ DO IGUAÇU, 2017), fenômeno que acontece, conforme Aparecida Darc de Souza (2009), desde 1970, quando o turismo foi definido estrategicamente como a principal atividade da cidade.

Embora o turismo tenha sido fundamental para uma narrativa institucional de Foz do Iguaçu, outras narrativas também emergiram no campo da história, havendo trabalhos que procuram tirar o foco nas histórias oficiais usando, por exemplo, metodologias como a coleta das histórias orais (RIBEIRO, 2015) tendo a população comum como agente de construção da história da cidade.

O presente trabalho se afina ao grupo de narrativas paralelas a respeito da construção da cidade de Foz do Iguaçu e busca apresentar uma visão pessoal e sensível sobre aspectos da criação do local no qual se habita considerando o contexto particular da cidade.

O objetivo foi reunir depoimentos e realizar um panorama fotográfico de diferentes casas em diversos bairros da cidade para fazer, a partir dessa amostra, um acervo indireto de como as pessoas vivem em Foz do Iguaçu, revelando a forma com que moldam suas residências de acordo com suas necessidades, gostos, paixões e individualidades. Por meio desses retratos de interiores podemos ver que eles também revelam aspectos da exterioridade.

A história oral junto do uso de fotografias pretende criar um pequeno acervo de arquiteturas residenciais iguaçuenses. Procurando mostrar como a arquitetura não é um projeto pronto e terminado e sim algo em constante mudança – muitas vezes rápidas dependendo das ações dentro da casa, como o movimentar de uma xícara, a limpeza de jardim, o abrir da janela para entrar luz, a mudança da roupa de cama, assim como outras que muitas vezes são “temporárias” ou invisíveis, como bagunças, danificações, entre outros, que entretanto, mostram a vivência no espaço e o seu uso de fato. Um lugar vivo. Assim se fala da memória, pois os espaços se moldam exatamente pela vivência: as coisas vão se formando e mudando porque alguém está agindo e vivendo nesse espaço.

Nesse sentido, para a construção desse trabalho foram entrevistadas quatro mulheres em três bairros diferentes da cidade, as quais contaram suas histórias e permitiram que o interior de suas casas, seus pertences e memórias afetivas fossem registrados através de fotografias. Essas conversas foram gravadas e transcritas. Esse conjunto de informações foram selecionadas e expostas em uma exposição, que ocorreu entre os dias 26 e 28 de março 2024, no Sesc Foz do Iguaçu.

ESCALA DO COTIDIANO

Compreender e traduzir visualmente os espaços da cidade é uma questão importante para a arquitetura e o urbanismo. Para que os espaços possam ser bem interpretados são utilizadas diversas técnicas: levantamentos e diagnósticos, dados censitários, desenhos técnicos, cartas topográficas, mapas etc. Há um notório esforço para que se compreenda o “todo” de um objeto arquitetônico ou urbanístico de forma que sua tradução gráfica (em mapas ou desenhos) seja o mais *definitiva e próxima da realidade* possível.

A produção e interpretação das tradicionais informações sobre o território é quase exclusiva às pessoas que possuem conhecimento técnico para elaboração e leitura dessas representações. Embora a cartografia e as convencionais formas de mapear, levantar e traçar diagnósticos do território sejam métodos muito importantes para a compreensão dos espaços, são formas de interpretar o território que muitas vezes deixam de fora aspectos sensíveis ou qualitativos da realidade, não observando, por exemplo, uma característica importante da construção dos espaços: ser continuamente transformado pelas situações e pessoas que vivenciam esses lugares.

Os diagnósticos do espaço, comumente apresentados em mapas, plantas e outros formatos de desenho mais técnicos, são representações de realidades que podem diminuir ou simplesmente apagar dados importantes da vida humana e suas relações com o habitat, suas individualidades e suas histórias, assim como esse movimento contínuo do cotidiano.

Procurando alternativas para essa questão, surgem novas formas de estudar, representar e cartografar os espaços vividos por meio das mais diversas linguagens e áreas de conhecimento, como a memória oral e a linguagem artística. Desta forma, é possível apresentar, ler e estudar o território sob outras perspectivas, trazendo, inclusive, questões desconsideradas nas representações cartográficas tradicionais.

Por muito tempo, a cartografia como produção de mapas foi considerada um método objetivo de representação da realidade, como tradução de conformações espaciais, geográficas e naturais em uma imagem gráfica, visual ou textual. Havia como premissa a construção de uma descrição “elucidativa” sobre o território, organizando-o em um espaço lógico, no sentido de dominação do homem sobre o meio. No entanto, em contraponto a uma visão cientificista sobre a noção de cartografia, nas quais os mapas eram considerados como um dispositivo objetivo, espelho do real, são abertas outras leituras. Passa-se a entender que os mapas não são neutros, implicam relações de poder e ideologias, e determinações históricas. Neste sentido, as práticas cartográficas podem captar processos emergentes e conformações de espacialidades (intersubjetivas, urbanas, econômicas e culturais) não consideradas ou tornadas invisíveis pelas lógicas consensuais. (SPERLING, 2020, p.81)

Apesar de ser possível georreferenciar uma casa e traduzi-la em forma de maquetes e desenhos arquitetônicos, o seu interior, seus objetos particulares, o que há dentro dos armários, as lembranças, os álbuns de fotografias da família, fogem dessa lógica racional de compreensão dos espaços. Um ponto num mapa representa uma quantidade enorme de informações e histórias pessoais que foram capazes de produzir aquele espaço. A escala que não a 1:1, e mesmo esta sem o contexto do cotidiano, podem representar esse espaço, mas não trazer as histórias, sentimentos e sentidos dele. A utilização de outras linguagens e mídias, como a fotográfica, a realização de entrevistas e o projeto de uma exposição, agregadas, podem mostrar outras camadas, sensíveis e igualmente importantes, da construção do espaço, procurando utilizar de diversas ferramentas de para isto.

Busca-se então no presente trabalho de conclusão de curso investigar métodos que possam interseccionar diversas formas de conhecimento e mídias, relacionando o espaço da

cidade e suas relações, o espaço interior da casa e as histórias pessoais do lugar em que se vive, buscando formas visualmente poéticas de cartografar espaços de morar e seus interiores na cidade de Foz do Iguaçu. Conforme Barros e Kastrup (2009, p.57):

a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente (BARRROS, KASTRUP, 2009, p. 57)

A intersecção com a linguagem artística procura não só criar um registro documental para ilustração das histórias, como procura por si só contar uma história, e, dessa forma, expandir os limites da pesquisa acadêmica explorando linguagens acessíveis e mostrando como as vivências pessoais são também formas de difusão de conhecimento: as escolhas afetivas e a vivência também constituem arquitetura.

Considerando o objetivo de buscar uma amostra qualitativa de pessoas em diferentes bairros e situações (tanto pessoais quanto sociais, econômicas, culturais, etc), busca-se um panorama do modo de viver, registrando a história não só individual como coletiva de sua população, ouvindo e registrando diferenças nas experiências de morar em Foz do Iguaçu do ponto de vista mais particular: a moradia. Assim, o presente trabalho busca registrar as relações entre as pessoas e o espaço habitado por elas e investigar visualmente como as relações de vivência e história constroem o lugar da morada. Com esses registros, busca-se trazer uma compreensão sensível da cidade, procurando entender como a vida, na intimidade dos espaços da moradia, se desenvolve e cria espaços particulares, pessoais e individualizados e como tais espaços são capazes de exprimir identidade.

Considera-se que há diferentes versões da cidade possíveis, que variam de acordo com a vivência e com a história familiar, onde certos discursos se tornam mais verdadeiros e relevantes, e essas dinâmicas são possíveis de serem verificadas e contadas a partir dos objetos que estão nas casas. A experiência de cidade também se internaliza dentro dos espaços íntimos, mesmo que de maneiras indiretas.

Com o enfoque no micro, na experiência individual, procura-se também ver a arquitetura feita ao longo do tempo vivido e os movimentos que ali acontecem, nem sempre pensados dentro do estudo formal da arquitetura. Não é possível prever todas as ações dentro de uma edificação e nem as mudanças, como de rotina ou de moradores, que ali possam acontecer. Mas é preciso pensar e reconhecer que elas ocorrerão e estarão ali materializadas.

Também nos dispusemos a observar a importância do espaço em que as pessoas tem por *seu*, onde, apesar do que possa afetar sua relação com o entorno ou com a própria construção, esse espaço é um espaço de segurança, onde ela pode intervir e criar, expor sua história e seus gostos e demonstrar autonomia.

DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

Para o desenvolvimento desse trabalho, foram utilizadas diferentes metodologias e referências a pesquisas que interseccionam arquitetura, artes e relatos pessoais.

Pensando as metodologias de observação dos espaços e escuta dos relatos pessoais, foi consultado o livro *Novos olhares sobre o lugar*, organizado por Cristiane Rose Duarte e Roselyne de Villanova, que trata de temas da arquitetura e antropologia que se relacionam. Assim, com esse enfoque foram desenvolvidas conversas com pessoas escolhidas a partir de relações já existentes com a autora ou com pessoas próximas, e foi construída uma amostra variada, procurando observar modos de viver diversificados tanto em relação ao local como às questões particulares de cada entrevistada. Essas conversas foram gravadas e transcritas e também foram feitos os registros fotográficos com enfoque em elementos e ambientes de acordo com os fatos que eram narrados e evidenciados pela moradora.

A conversa era guiada, principalmente, pelo pedido inicial de **contar a história dela no lugar em que vive hoje**, assim como sua relação com o lugar, não havendo as mesmas perguntas para todas as participantes, uma vez que o rumo tomado pelos relatos era dado pela própria pessoa. A extensão e a forma dos relatos variou bastante entre as participantes, com tempo de gravação de cerca de uma hora em cada casa, entretanto, as visitas sempre duraram mais tempo e com diversas informações sendo acrescentadas fora do período gravado. Em todos os casos, houve um passeio guiado pelas moradoras enquanto iam falando sobre os cômodos, conforme a vontade delas. Cada uma com o olhar que tem para sua própria casa.

As fotografias retratam elementos específicos, objetos e ambientes citados nas conversas e mostrados pela moradora da casa, na forma em que se encontrava o ambiente, procurando retratar aquele momento da casa embora em todos os casos houvessem pequenas arrumações, tentando retirar o que estivesse “fora do lugar”, o que neste caso consideramos um dos movimentos da casa, o jeito que ela estaria em seu natural.

Também foram pensadas as questões a partir do conceito de cartografia, considerando o interesse de mostrar a cidade a partir de outros pontos de interesse – o espaço pessoal dos moradores e suas histórias e relações. A presente proposta se converteu em uma exposição, realizada no SESC Foz do Iguaçu entre os dias 26 e 28 de março de 2024, onde as fotografias e textos fossem organizados de forma a contar um pouco sobre os espaços pesquisados.

Utiliza-se outras obras como referência, nas quais histórias de vida e sua relação com a moradia são tratadas em diversas mídias. Um exemplo é o filme do diretor Eduardo Coutinho, *Edifício Master* (2002), que retrata, em entrevistas, diversas perspectivas de vida e, ao mesmo tempo, diferentes formas de apropriação do espaço presentes num único edifício.

A exposição *Coleção à brasileira: uma visita à colecionadora-diarista* (2022-2023), do artista Everton Leite, é outro exemplo de referência. A exposição, ocorrida no Museu Paranaense, mostra uma coleção de objetos de casas de cinco mulheres, sendo uma delas a mãe do artista e outras amigas suas, que trabalhavam como empregadas domésticas. Os itens expostos eram objetos comuns: móveis, louças, utensílios, painéis etc. artefatos cotidianos presentes em qualquer casa, mas ao mesmo tempo bastante pessoais.

Tem-se ainda como referência alguns programas televisivos cujo tema é a visita a residências de pessoas conhecidas, como *Morar* (2014) e *Lar: Vida interior* (2021-22), dirigidos por Alberto Renault, transmitidos pelo canal GNT, onde por meio das imagens e da narrativa dos proprietários são contadas as histórias das habitações e seus projetos dando ênfase aos cômodos e objetos de maior interesse.

Embora tais referências advenham de esferas não-acadêmicas, contribuem para a construção de um pensamento sensível sobre o espaço por meio das imagens e da narração dos moradores, que apresentam sua história e marcos importantes de suas escolhas para a construção dos espaços onde moram. Interessam a essa pesquisa por terem como ponto de partida a ideia de registrar o cotidiano em um território, Foz do Iguaçu.

CASAS

São apresentadas quatro casas, em três bairros diferentes: Centro, Cidade Nova e Jardim São Paulo, com visitas feitas entre março de 2023 e março de 2024.

No centro da cidade apresentamos duas residências, a casa da Loty (Loty Ferreira), uma artista que nasceu na cidade e cuja família mora há décadas na região central, e o apartamento de Nathalie (Nathalie Husson Granzotto), empresária de origem francesa dona de uma livraria, que veio para Foz de seu país com seu marido e escolheu se estabelecer no bairro pelo acesso ao seu trabalho e demais infraestruturas que, na época, eram mais presentes no centro. Hoje, conforme Censo IBGE 2022, na região moram mais de quatro mil e quinhentos moradores, sendo a área com maior concentração de prédios altos e havendo grande presença de lojas, restaurantes e bares, hotéis, entre outros serviços. A média de moradores por residência na área varia entre 1 e 3, o que confirmamos com as entrevistas, uma vez que na casa de Loty vivem duas moradoras e na de Nathalie, três.

No bairro Cidade Nova II temos Elza (Elza Mendes), que mora em Foz do Iguaçu há trinta anos e há dezesseis anos vive na casa visitada. Este bairro conta com mais de dois mil moradores, conforme o Censo IBGE de 2022. O bairro Cidade Nova, que fica na região norte da cidade, entre a Vila A e Vila C, surgiu em 1997 como um projeto de remoção e realocação

de população de favelas em conjuntos habitacionais populares, com o objetivo oficial de suprimir a falta de moradias das populações em situação de vulnerabilidade. Como sequência do projeto, o Cidade Nova II surgiu nos anos 2000. Entretanto, esse projeto poderia ser visto como uma forma de desocupar áreas em torno do Rio Paraná, área de interesse turístico e econômico para a cidade (Ribeiro, 2015). Segundo a moradora, nos primeiros anos, não havia muita estrutura no bairro, sendo difícil para ela, por exemplo, chegar após o trabalho e comprar algo no mercado. Hoje ela considera o bairro mais estruturado, com comércio e estruturas como a Biblioteca do Cidade Nova, da qual participa ativamente.

No Jardim São Paulo II, entrevistamos Rose (Roseli Belo dos Santos), que há cinco anos mora na casa que fotografamos. O bairro, que surgiu no fim dos anos 1970, tem mais de quatro mil e duzentos moradores, sendo um de vários loteamentos decorrentes do crescimento da cidade devido a construção da Hidrelétrica de Itaipu.

As moradoras ficaram livres para mostrar os ambientes e contar sobre pontos que achassem interessantes sobre sua casa da forma com que se sentissem mais confortáveis. Cada relato, portanto, é diferente, assim como também a forma com que cada uma construiu sua própria moradia e a vivência.

LOTY: HISTÓRIA DE OUTRAS CASAS

Visita feita em 30 de março de 2023.

Loty Ferreira é uma artista visual que mora no centro da cidade, na Avenida Brasil, praticamente a vida toda. Sua família está na cidade há mais de 100 anos, e assim, ela guarda muitas histórias sobre esse território. Sua casa é uma construção recente, projetada pela arquiteta Sidney Pacheco Palma em um terreno na Av. Brasil, com um grande jardim e piscina.

Quando perguntada sobre sua casa, Loty fala, principalmente, da casa do avô, casa na qual nasceu e viveu os primeiros anos de vida. Uma casa localizada na Avenida Brasil, que ela lembra com carinho do rio Monjolo passando atrás – cena que a inspirou até a pintar quadros, como a obra “As Lavadeiras do Rio Monjolo”, que está no escritório de sua filha, Anna. Loty relata que essa casa tinha banheiros, sistema de coleta de água de chuva, e outras tecnologias que ela diz serem muito avançadas para as construções da região na época. A casa foi construída na década de 1920, onde funcionou por um tempo o consulado argentino em Foz do Iguaçu.

Loty fala que morou também no Porto Meira, após se casar, mas que, fora essa experiência e alguns anos em Curitiba, o resto do tempo morou naquela região do centro, e por isso, ao construir sua atual residência, fez questão de se manter ali – e que pretende, até o fim da vida, estar na Avenida Brasil. De fundo na sua casa é possível ver um dos marcos da paisagem de Foz do Iguaçu: a torre da Igreja Matriz São João Batista.

Ela resolveu construir sua atual residência com um objetivo principal: guardar o piano que era de sua mãe. Assim, ela conversou com a arquiteta e amiga da família Sidney que fez o projeto da casa como ela queria: com poucos cômodos, integrando a área externa com piscina já existente, que ela diz ser a peça principal de sua casa. Além do piano, ela guarda diversos móveis e outros objetos afetivos como uma ópera que foi de sua mãe.

Dos objetos afetivos, Loty fala de alguns, como o vaso verde chinês, que era da casa do avô, o Dom Quixote que era de seu pai, um apaixonado pela história que tinha diversas edições do livro. Também há duas mesas, de casas anteriores, que Loty faz questão de manter em sua casa: uma está na cozinha. É uma mesa vermelha com banquetas da década de 1960, que ela lembra de ser a mesa das decisões, das fofocas, dos cafés e chás. A outra mesa está na edícula. É uma mesa maior, em madeira, que foi feita exatamente para comportar mais pessoas que a mesa de banquetas.

Diversos desses objetos afetivos são documentos, que estão em seu armário no quarto. O quarto é, inclusive, o cômodo preferido dela, onde estão coisas que, como ela diz, só ela sabe! Em seu armário estão importantes documentos, como cartas de seus familiares com autoridades da cidade da época e cartas de um romance de sua tia.

Ao lado de sua casa, na casa de sua filha, fica seu ateliê. A artista fala que não considera ele uma parte de sua casa, mesmo tendo um acesso para seu terreno. Ela é duas pessoas diferentes nesses espaços: a Loty artista só existe no ateliê. Apesar de só conseguir trabalhar em seu ateliê, na sua casa a maioria dos quadros decorativos são pintados por ela mesma!

Sobre a casa hoje e possíveis mudanças, a moradora diz que faria mais um quarto, mas que na época do projeto não queria avançar muito no terreno, queria que sobrasse bastante espaço para a área verde e, no futuro, se tivesse vontade de construir salas comerciais. A área externa também atualmente é uma questão para a moradora, que é idosa. Na noite anterior a visita havia tido um temporal na cidade, e devido a grande quantidade de árvores, haviam muitos galhos e folhas caídos. Ela relatou ter dificuldade para manter agora o jardim.



*Piano e vaso chinês, objetos afetivos muito importantes para Loty
30 de março de 2023*



A casa de Loty fica na Avenida Brasil. Sua família mora nessa parte da cidade há muito tempo. De sua casa é possível ver a Igreja São João Batista
30 de março de 2023

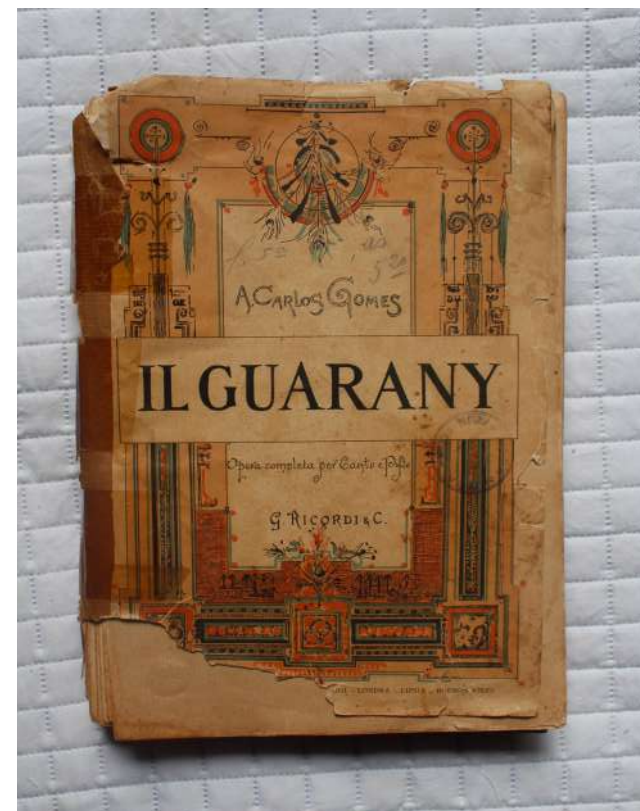
Eu gosto da minha casa porque ela é uma casa espaçosa para receber visita, receber os amigos. Ela tá sempre com bastante gente que eu não gosto de ficar sozinha, e... A minha casa eu sempre digo ela é o meu ninho, tem o meu cheiro, tem tudo. Ai eu me acho. Mas, atualmente, para mim tá difícil morar nela. Agora mesmo, depois dessa chuva, dessa tormenta aí, pensa uma casa como fica, com tanta árvore em volta, com piscina, com tudo. O que a gente tira de lixo depois de uma tormenta dessa. Mas eu gosto muito de viver, moro com a minha irmã e e a gente... É uma casa muito acolhedora e isso eu sinto que as pessoas gostam de vir. E a gente fica conversando. Eu queria receber mais visita ainda para ficar jogando e ficar jogando conversa fora. Me sinto bem, é uma casa que quando eu pedi como imaginei ela pra construir, que eu falei com a Sid, eu imaginei isso, que a gente vive agora. Uma casa simples, bem simples. Não tem muito cômodo. Até precisaria ter mais. Não quis nada grande porque eu não queria trabalhar muito. Então aí eu acho que o que eu preciso, tudo da minha vida está lá.

LOTY





Mesas afetivas para Loty
30 de março de 2023



Bom, eu não sou uma pessoa de guardar nada, tudo que eu tenho é coisa assim, lembrança dos outros que eu guardo lá no meu guarda roupa. Foto, foto, foto, menina, que você não imagina. A mesma coisa aqui, se eu abrir, onde abrir as caixas tem fotos, e fotos antigas. Tem foto de quase 100 anos aí. Lá em casa eu tenho as fotos da minha vida também.

LOTY

20 de abril de 2023

Elza mora nesta casa no Cidade Nova desde 2008. Quando chegou, eram cinco moradores e no enorme terreno havia apenas uma mangueira, uma jabuticabeira, um limoeiro e um pé de laranja – das quais sobreviveram somente a mangueira e jabuticabeira –, e uma casa que hoje não se pode mais saber como era: Elza transformou toda ela. E continua transformando. Hoje há apenas dois moradores e um grande jardim com um pouco de tudo, com todo tipo de árvores, flores, plantas. É possível ver pitaya, orquídeas – para o qual ela projeta um orquidário octagonal construído em bambu –, lichia, pinha paulista, graviola, anis estrelado, guaco, babosa, melissa, cidreira, boldo, entre outras plantas diversas. Ela gosta muito do exterior de sua casa.

Perguntando sobre projetos com arquiteto, ela fala que já tentou, sim. Mas que gosta de ir executando conforme a vontade e a demanda do momento. Ela assume que algumas mudanças nem sempre saem como o esperado ou acabam tendo um resultado com alguma questão não prevista. Mas está sempre aberta a novas alterações. A casa está em constante mutação.

Elza é também uma talentosíssima artesã e muito de sua casa é feito por ela: cortinas, roupas de cama, decorações, como cama para seu cachorro, cabeceira de seu quarto e macramês. E algumas de suas soluções para a casa partem desse saber fazer, em pensar soluções que podem ser aplicadas e executadas por ela ou com seu conhecimento dos materiais. Em sua casa tem um pé direito alto, com as vigas em madeira aparentes, o qual ela diz achar lindíssimo, mas que lhe trazem desconforto físico. Assim, ela procurava soluções para esse problema, pensando em opções de forro, e ainda diferentes para cada cômodo.

Dentro da casa, alguns dos planos são alterar as função dos cômodos. Pretende mudar alguns de lugar, construir outros, adaptar com móveis... Para Elza sempre há uma solução para algum problema, forma de pensar que ela enfatiza ter desde cedo, inspirada principalmente pelas mulheres da sua vida. Essas habilidades, conquistadas em meio a dificuldades, exigem pensar soluções que, mais tarde, não geram outros problemas.

Segundo ela, ter uma casa, um lugar para morar sem se preocupar com aluguel conforme envelhece, era uma prioridade. Apesar de diversos vínculos no bairro e na cidade, e de afirmar que o bairro melhorou desde que ela se mudou, afirma que, por enquanto, está em Foz, mas não tem a menor vontade de

continuar por aqui.

15 de março de 2024.

Após quase um ano, voltei a casa de Elza e muitas coisas haviam mudado: cores, móveis, e cômodos. Novos moradores na casa. Paredes fechadas, paredes abertas. E as mudanças não estavam terminadas.

Elza começou a conversa mais uma vez afirmando que não pretende ficar em Foz para o resto da vida. Mas terminou contando sobre os planos de construir um sobrado, com rampas pensando na acessibilidade e materiais reaproveitados, uma construção sustentável.

As mudanças já começam na fachada: toda ela pintada. A textura de pedra se mantinha, mas com outras cores: cinza escuro e vermelho (ou rosa, como Elza diz). A casa inteira praticamente recebeu pintura, feita pela própria Elza.

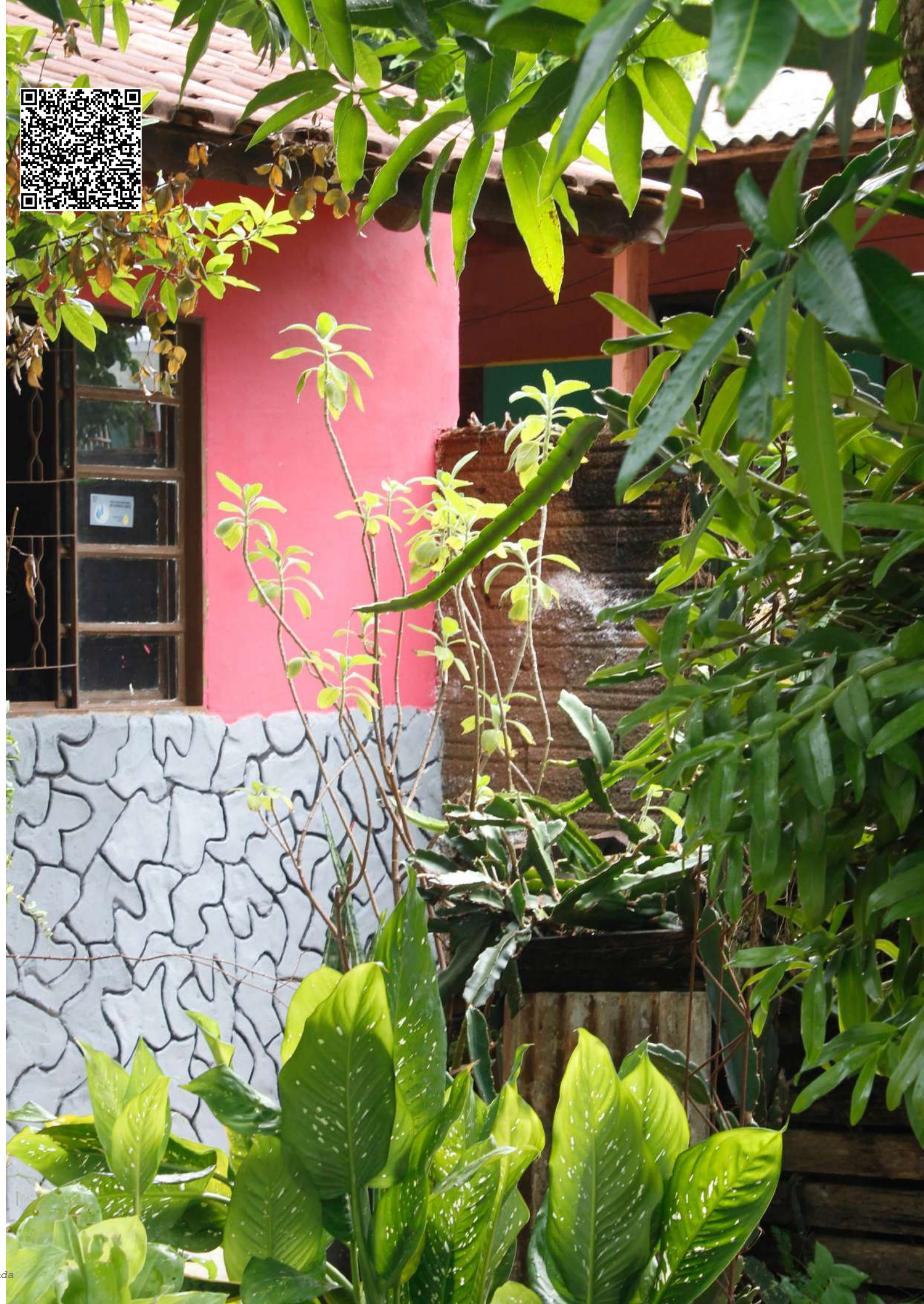
Na sala, o sofá foi retirado, trocado por bancos. Uma parede recebeu destaque ao ser pintada com a cor cinza. Na decoração da parede algumas coisas foram acrescentadas. No quarto dela, a cabeceira também foi mudada, outra peça feita pela moradora.

Outro cômodo que também mudou foi o ateliê: antes ficava na parte de trás da casa – onde hoje é um quarto – e hoje fica em um dos cômodos com acesso à sala – onde era um quarto. Assim, ele fica mais próximo da entrada da casa, onde o acesso para receber pessoas é mais fácil. Nesse processo de transformação da casa, Elza, que é personal organizer, também falou muito sobre tirar coisas que estavam paradas e sem utilização, como é importante retirar para que a energia do ambiente não fique parada. Do ateliê ela diz ter tirado muitas coisas, e ainda não terminou esse processo. Assim como alterações por crenças espirituais: tirou espelhos, como o da cozinha.

O ateliê agora dá para um corredor que conecta com a cozinha. A cozinha antes era aberta com uma sala de jantar, que foi fechada e virou quarto de seu filho, ambiente que ainda estava sendo pintado.

Alguns dos projetos do ano passado ainda estavam suspensos: o orquidário e também o forro com esteiras. Há outras mudanças sendo planejadas e mudanças que, neste momento, ainda estão acontecendo.

E assim é a casa da Elza, sempre em movimento.



Mas eu amo o meu quintal. Porque quando eu mudei aqui tinha só o pé de manga aqui na frente, um pé de jaboticaba, um pé de limão e um pé de laranja. O pé de laranja morreu, o pé de limão morreu. A jaboticabeira tá viva. E eu fui plantando coisas. Teve época de eu colher dez frutas diferentes no meu quintal. Não é todo mundo que pode se dar esse luxo. Não é todo mundo que consegue ter acerola, tem pitaya, tem pinha paulista, tem coco da Bahia, tem... Até maçã eu tenho no meu quintal. Caqui eu tenho no meu quintal, graviola.

ELZA



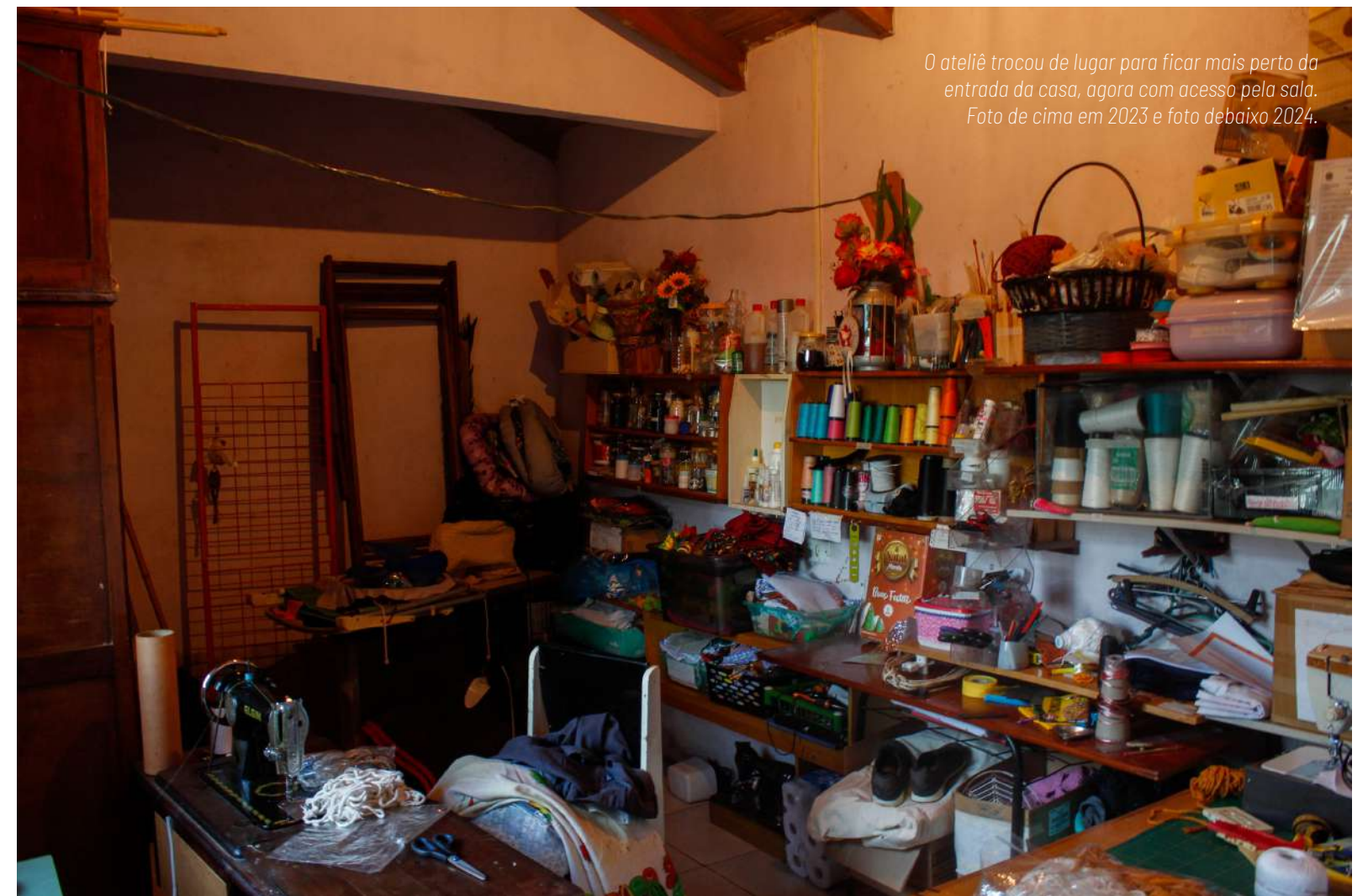
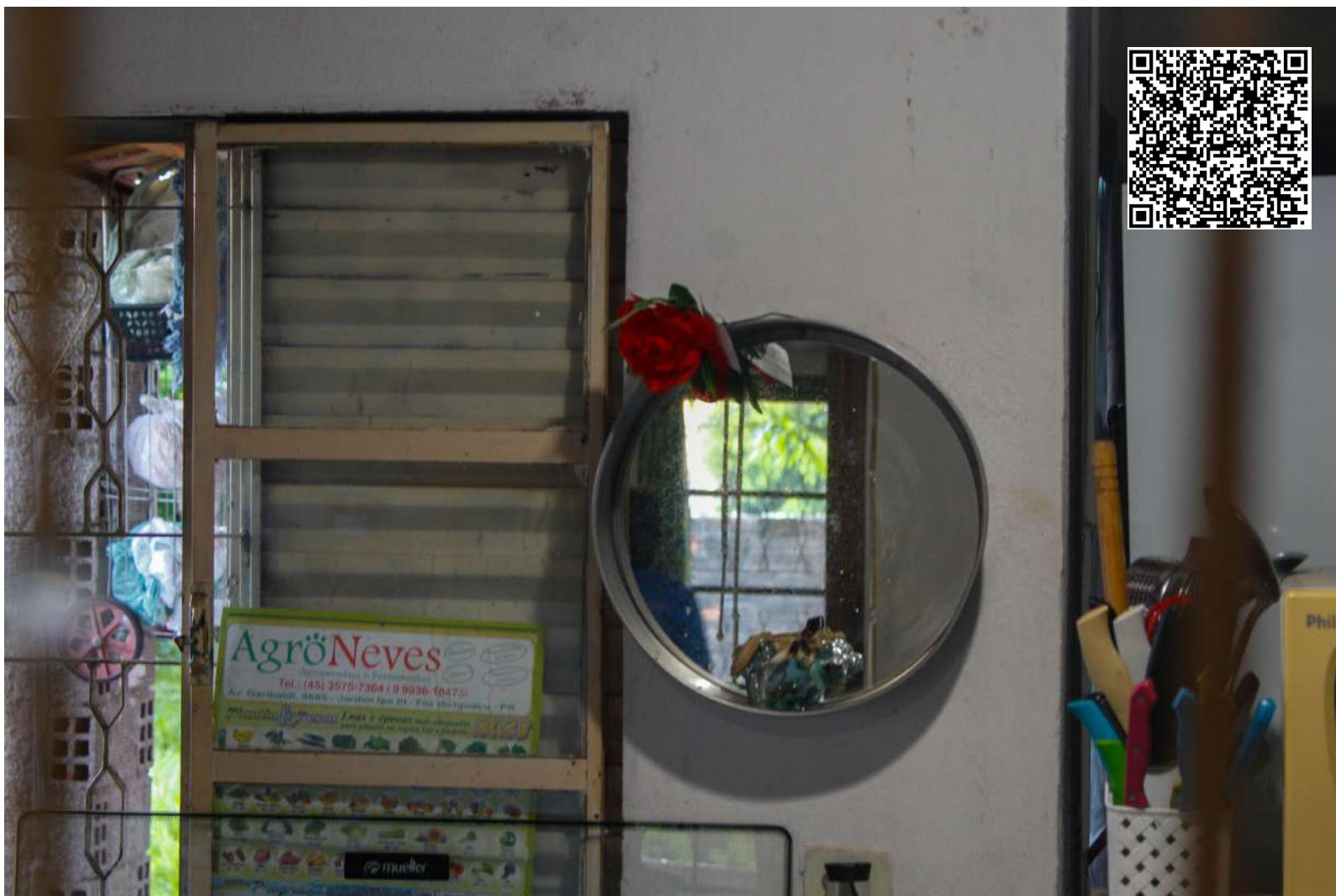


*Você vê que casa tá sempre em
mutação. Eu chamo de mutação.*

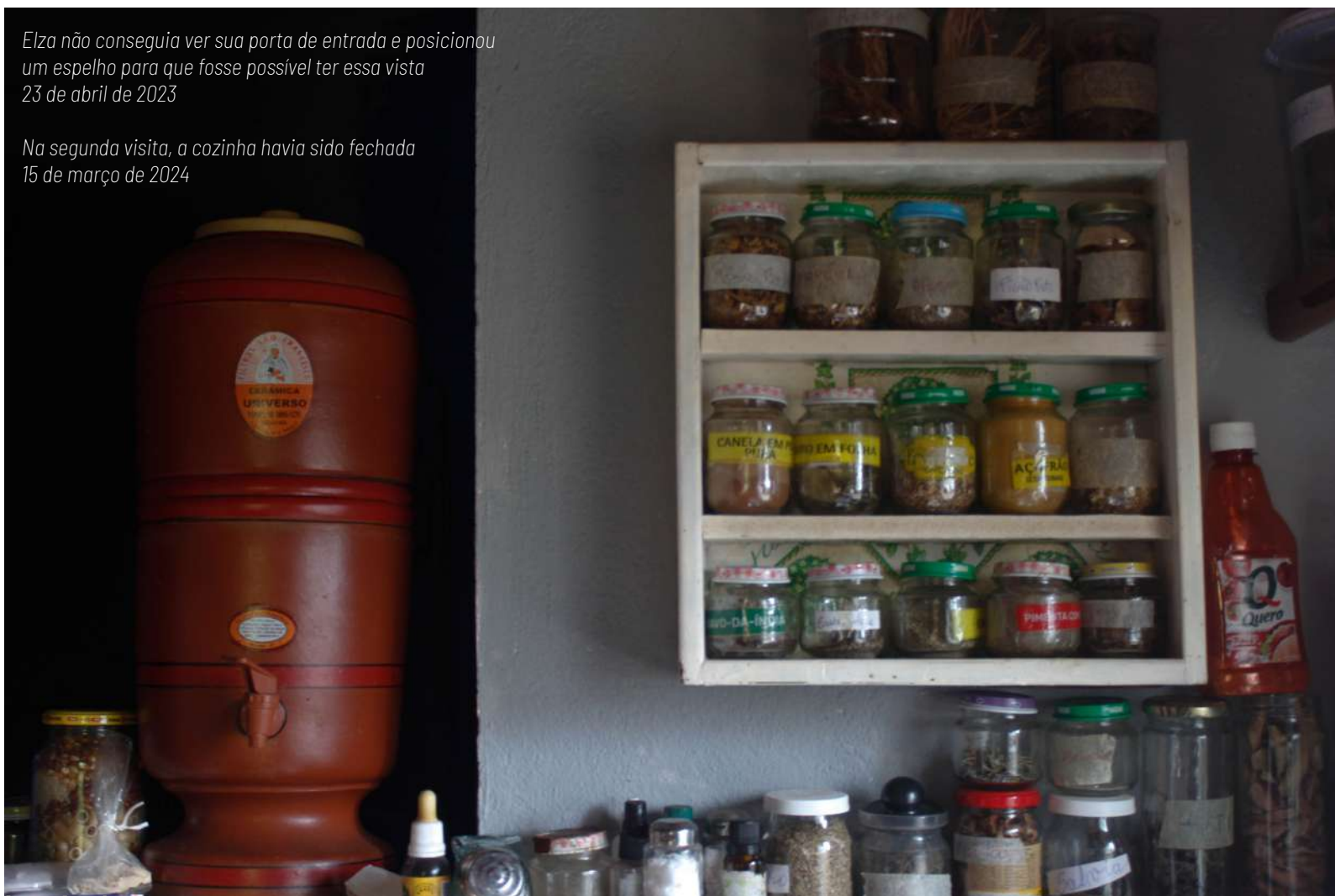
Elza



Mudanças na sala e quarto. Elza fez uma nova cabeceira, pintou paredes, mudou móveis. Foto direita feita em 23 de abril de 2023, foto esquerda 15 de março de 2024.



O ateliê trocou de lugar para ficar mais perto da entrada da casa, agora com acesso pela sala. Foto de cima em 2023 e foto de baixo 2024.



Elza não conseguia ver sua porta de entrada e posicionou um espelho para que fosse possível ter essa vista 23 de abril de 2023

Na segunda visita, a cozinha havia sido fechada 15 de março de 2024



Elza não conseguia ver sua porta de entrada e posicionou um espelho para que fosse possível ter essa vista 23 de abril de 2023

Na segunda visita, a cozinha havia sido fechada 15 de março de 2024

ROSE: CASA MULTIUSOS

Visita feita em 01 de março de 2024.

Rose é costureira e trabalha de casa. A casa, no Jardim São Paulo II, é alugada e conta com uma grande varanda coberta, com churrasqueira e lavanderia. A área externa é toda calçada, não tendo áreas verdes, mas há várias plantas em vasos. Uma característica bastante acentuada para Rose é a questão do conforto térmico da casa.

Rose mora há cerca de cinco anos na sua casa atual. Antes morava num bairro próximo, e diz ter escolhido alugar essa casa por ela ser grande, com bastante espaço para os cachorros e o bairro tranquilo. O terreno da casa tem três moradias. Hoje, todas são ocupadas pela sua família.

Rose mora com sua filha e seus dois cachorros. Trabalha em casa como costureira. Seu ambiente de trabalho é a sala de casa, ou, o que era a sala. Já tentou fazer com que o mesmo funcionasse na parte exterior e pensa em colocar em um dos quartos da casa, que hoje, além de quarto de visitas, é também uma despensa para seus materiais, mas acha esse espaço muito pequeno. Ela fala exatamente que vários ambientes são “multiusos”, desempenhando mais de uma função na casa. A sala é aberta com a cozinha, espaço que Rose diz ser o seu preferido da casa e que acha muito bonita. A cozinha é ampla e as refeições são, geralmente, feitas ali mesmo, apesar de a mesa de jantar ficar na área externa.

A sua casa tem uma área compartilhada com outra residência: uma grande varanda coberta, onde estão a lavanderia

e a área de churrasqueira. Esse espaço, conforme Rose, é bastante usado como área de lazer, mas durante o dia a dia só como lavanderia, principalmente pela questão climática. Ela havia tentado colocar suas máquinas de trabalho lá, mas prefere na sala, ambiente mais fresco que a varanda. Na área externa não há grama ou terra, o que agrada a moradora por causa dos cachorros, que, assim, se sujam menos. Ainda assim, mantém várias plantas, que adora cuidar, em diversos vasos. Vemos açafão, boldo, espada de são jorge, flores e folhagens diversas.

Uma questão bastante destacada em suas falas é o conforto térmico da casa. Como a varanda é coberta, não entra sol direto nos ambientes, e pelo corredor lateral passa uma constante corrente de ar. Apesar de gerar umidade na parede, principalmente do quarto, deixa a casa mais fresca.

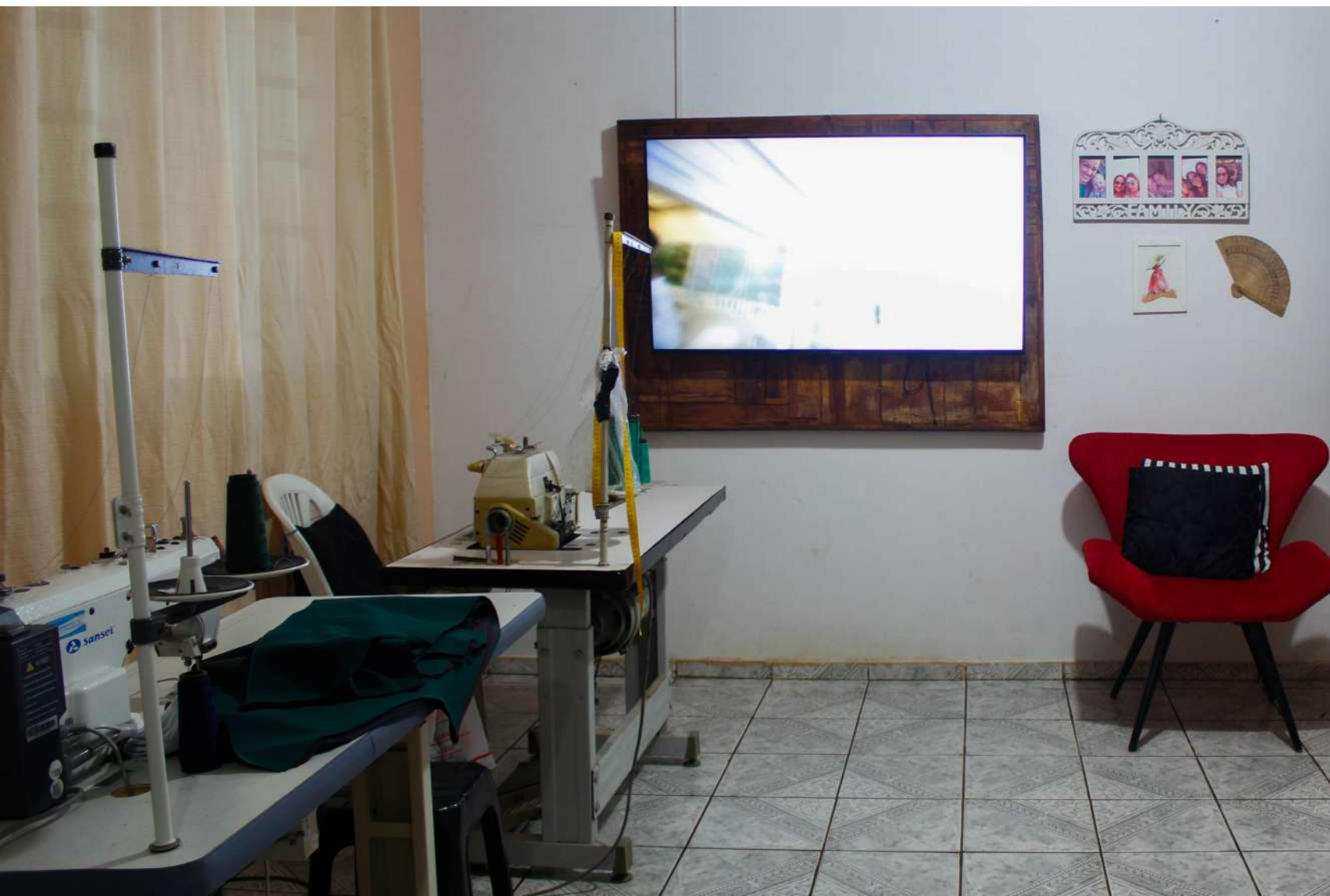
Quanto à decoração, Rose diz não ser muito ligada a isso: apesar de achar muito bonito, não tem muito envolvimento com o tema. A casa tem poucos elementos decorativos, como as plantas na parte exterior, algumas fotos e um cantinho de destaque: o barzinho.

A sala é seu ambiente de trabalho. Na cozinha são feitas com frequência as refeições, em pé mesmo, usando pouco a mesa de jantar. O ambiente externo é, ao mesmo tempo, lavanderia e área de lazer. O quarto é também despensa. A casa não foi construída e pensada pela atual moradora, e os ambientes se adequam à forma com que a casa vai sendo usada.

Agora eu fiquei sem sala porque coloquei as máquinas pra dentro para trabalhar, pela questão que lá fora tem muita poeira, muito calor, mais quente aqui. Aí eu acabei vindo aqui dentro, porque ela é uma casa bem fresca, mesmo não tendo ar condicionado, aqui dentro é bem mais fresco que lá fora, mas é que acabei ficando sem sala. Uma sala de estar, que é... Quase nem dá, não dá pra usar. Não dá para se dizer que tem uma sala pra receber visitas, isso não tem. seria a minha sala de trabalho.

ROSE

*A sala é usada como seu ambiente de trabalho. Rose é costureira e suas máquinas ficam nesse ambiente, que ela considera um dos mais frescos e abertos da casa
01 de março de 2024*





*A cozinha e a sala são integradas. A sala é hoje usada como seu ambiente de trabalho. A cozinha é um dos ambientes preferidos de Rose em sua casa, que tem acesso para a área da varanda
01 de março de 2024*





O terreno tem outras moradias, uma com acesso direto a varanda. Não há grama e área verde na casa, o que Rose gosta muito por evitar sujeira com os cachorros, mas ela gosta muito de plantas, e tem várias em vasos
01 de março de 2024

Eu sou uma zero a esquerda pra isso. Nunca.... Nunca fui muito assim de, de decoração. Sabe, estou tentando, mas nunca foi, nunca foi ligada. Nunca foi de mim isso mesmo. Mas eu acho bonito. Nunca, nunca, tipo, me preocupei com isso. Mas eu acho muito lindo uma casa bem arrumada, bem cheia de coisinhas. Aqui praticamente básico.'

ROSE



NATHALIE: LIVROS E ARTE

Visita feita em 26 de julho de 2023.

Nathalie ao chegar no Brasil escolheu, junto de seu marido, morar em Foz do Iguaçu, devido às características da cidade, assim como a presença de familiares de seu marido. Abriram uma livraria, a Kunda, na região central. Morou em outros locais antes, como na Vila Yolanda, em uma casa de madeira, apesar da preferência para apartamentos. Entretanto, a cidade não possuía muitos prédios, e aguardou que começassem a ser construídos na região.

Nathalie mora em um apartamento na região central de Foz do Iguaçu com seu marido e sua mãe. O apartamento não foi sua primeira residência na cidade após chegar da França, seu país de origem. Ela relata que na época haviam poucos bairros estruturados na cidade, e menos ainda prédios.

Na escolha da cidade e do apartamento atual, Nathalie fala que levou em consideração diversas coisas das quais ela estava acostumada no seu país. Quanto à cidade, quando veio para cá, ela e o marido procuravam um lugar com um aeroporto onde ela conseguisse ir com maior facilidade para a França, mas uma cidade que não fosse muito grande e na qual ela se sentisse segura. Também um local onde houvesse uma perspectiva de crescimento da cidade e cultura. Para a escolha da casa, ela tinha preferência por apartamentos, o que, imediatamente quando se mudou para cá, não foi possível pela pouca disponibilidade. Ela consegue listar os prédios que então existiam: o antigo Hotel Internacional, o Hotel Salvatti e o Banestado. Ela e o marido abriram uma livraria, que funcionava no Hotel Internacional. Conta que ao visitar o atual apartamento, ele seguia muitos de seus requisitos: ser perto do trabalho e de um lugar com infraestrutura, evitando tempo de deslocamento e uso do carro, um local com uma bela vista – do apartamento é possível ver o rio Paraná quando ele está cheio, assim como avistar o Paraguai –, um prédio que não fosse muito grande... Outro fator decisivo foi o tamanho do apartamento, que era enorme para o padrão de Paris.

Para a mobília, Nathalie procurou tudo o que fosse possível na própria cidade. Ela queria móveis de madeira, que fossem bastante duráveis. Na época, ela conheceu o antiquário do Tadeu, onde grande parte dos móveis da casa foi adquirida. Nathalie reforça várias vezes seu apreço por móveis de

qualidade e duráveis: a maioria deles estão lá desde o começo como foram comprados, alguns, como o sofá, passaram por algumas reformas. As adições mais recentes foram na sacada: duas poltronas de corda náutica.

Quanto à varanda, ela afirma ter começado a de fato usar apenas durante a pandemia. Com uma rotina cheia, usavam a casa como ambiente de repouso e estudo, e muito mais o interior. Mas com o tempo de isolamento, a varanda, que tem uma vista para o Rio Paraná e Paraguai, acabou recebendo mais atenção e uso.

Um dos espaços de maior destaque na casa é a biblioteca. Os moradores são donos de uma livraria, assim, a casa é repleta de livros. Ela foi construída no espaço que antes era ocupado pelo quarto de empregados. Para a moradora, a presença desse aposento na casa foi um choque cultural, visto também como um espaço perdido. Esse espaço abriga uma coleção de livros imensa e diversificada: livros assinados, muitos em lançamentos e eventos da livraria, uma coleção de livros e fotos históricas da região, e diversos títulos variados.

A casa conta também com uma grande coleção de arte, principalmente pinturas e cerâmicas. A maioria foi recebida como presentes ou compradas em leilões que ocorriam na cidade. Quanto às cerâmicas, grande parte vêm da loja de cerâmicas latino-americanas que havia nas proximidades e que ao ser fechada foi transferida para a casa do casal. Hoje, o marido de Nathalie também faz aula de cerâmica e continua agregando peças à coleção do casal.

Quanto ao futuro, ela relata que pensa na possibilidade de mudança de casa, principalmente pela falta de elevador em seu prédio, o que pode gerar problemas de mobilidade. No interior do apartamento, também relata evitar grandes mudanças pelo mesmo motivo.

Apesar de Nathalie gostar muito de sua casa, hoje fala que gostaria de poder se desfazer dos seus pertences considerando que um dia seu filho terá que passar pela experiência de desmontar um apartamento, enfrentando o trabalho de organização e o enfrentamento das memórias presentes nos objetos.

Biblioteca feita onde era o quarto de empregados, aposento que gerou um choque cultural para a moradora. No momento das fotos, haviam caixas que normalmente não ficam nesse espaço, de algumas coisas da mudança de seu filho e coleção de livros e fotos históricas da região
26 de julho de 2023



A varanda, apesar de uma bela vista, começou a ser usada mais regularmente durante a pandemia, em 2020
26 de julho de 2023





No apartamento de Nathalie móveis de madeira e obras de arte de diversas formas (livros, quadros, cerâmicas) estão por todo lugar
26 de julho de 2023

EXPOSIÇÃO

A exposição ocorreu entre os dias 26 e 28 de março, no Sesc Foz do Iguaçu. Ela foi montada no átrio da unidade, com as fotos impressas e suspensas, cerca de sete fotos por casa e textos sobre cada moradora junto a trechos dos áudios das entrevistas acessados por meio de QR Code (com exceção de Nathalie, que não autorizou a reprodução dos áudios para o público).

A escolha do SESC se deu pelo interesse num espaço que pudesse abarcar um público mais amplo que a comunidade acadêmica da UNILA e o curso de Arquitetura e Urbanismo, sendo de maior acesso para uma população diversa. Neste espaço, além do fluxo de funcionários, temos diversos usuários de idades variadas, desde crianças em idade de educação infantil, adolescentes do ensino médio e uma variada faixa etária que usa outros serviços, como a academia e o restaurante. O interesse em outros públicos vem da importância de exaltar as casas e seus interiores, assim como os relatos de suas moradoras, para que um público não formado em arquitetura pudesse compreender os espaços pela escala do micro, através dos recortes fornecidos pelas fotografias e pelos relatos pessoais.

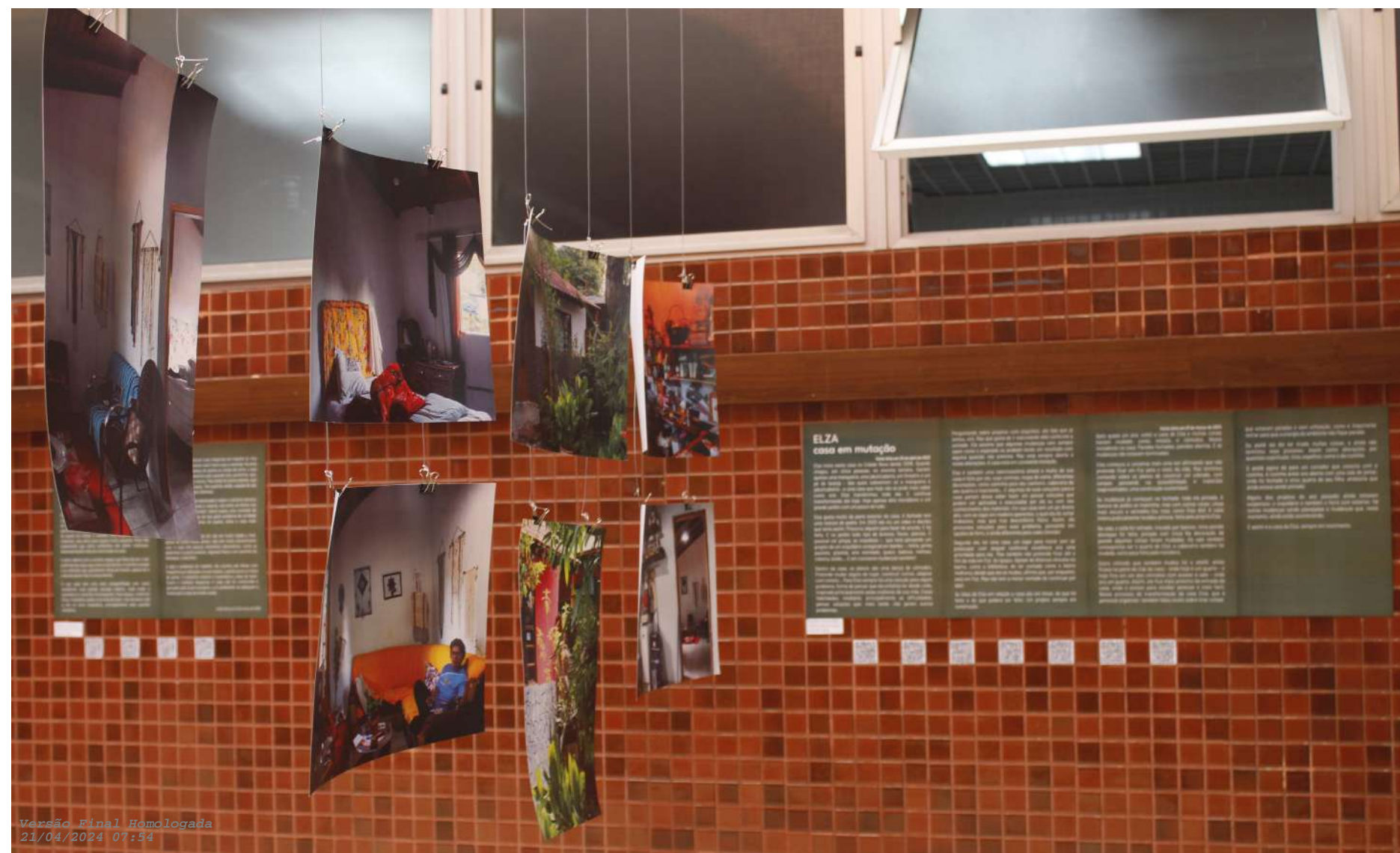
A exposição foi organizada criando quatro espaços diferentes, um para cada moradia. O formato foi pensado em relação ao espaço disponível e considerando ser mais interessante que cada casa estivesse em conjunto com textos, áudios e fotos próximos, associando todo o material referente a esse espaço. No caso de Elza, na qual houve uma segunda visita, foram incluídas fotos que poderiam servir de comparação entre o “antes e depois”. No verso das fotografias haviam descrições que poderiam ajudar a situar os visitantes da exposição, assim como a data em que a visita e foto foram feitas.

A exposição apresenta as casas a partir das informações dadas pelas moradoras, sem informações “externas”, apenas indicações quanto aos espaços fotografados, mostrando o que para elas é relevante e tornando o relato como fonte de informações. O intuito trabalho se propõem a trazer uma visão aproximada e intimista da casa, os fragmentos que também explicam como os espaços são estruturados. Por esse motivo, não temos as casas apresentadas como um todo, como plantas e muitas fotos de cômodos completos, assim como também não há os mesmo elementos representados em todas as casas. A escolha da fotografia como método de representação interessa por poder aproximar e selecionar esses focos.





Cada casa teve um espaço com textos, fotos e áudios





Textos de apresentação do trabalho e de cada moradora estavam disponíveis



No verso das fotos haviam descrições e a data das fotografias'



QR Codes com áudios de trechos dos relatos das moradoras



As fotos foram suspensas em barras já existentes no espaço

Registros da exposição e visitas feitas na exposição feita no Sesc Foz do Iguaçu entre os dias 26 e 28 de março de 2024



CONCLUSÃO

Nessa amostra proposta pelo trabalho podemos observar formas muito distintas de viver e interpretar a casa.

A forma como cada pessoa fala e conduz a história da sua casa é diversa. Para alguns ela começa muito antes da própria casa existir, com artefatos de todos os lugares anteriores àquele, como os artigos passados entre gerações que estão presentes na casa de Loty. Já em outros casos, o vínculo com as casas anteriores não se reflete de forma direta na construção do espaço atual.

Enquanto para Elza a casa está em constante movimento, para Nathalie e Loty ela se mantém estável. Mas o são de formas diferentes. Para Loty, tudo se mantém entremeado a histórias de família, sendo boa parte das coisas mais estimadas guardadas de forma que só ela saiba onde estão. Já Nathalie mantém os espaços com a mesma organização, porém expõe diversas obras de arte, livros e objetos com certa rotatividade: os novos livros, os livros que estão sendo lidos, as novas peças de cerâmica produzidas por seu marido, os quadros expostos nas paredes vão sendo trocados...

Em alguns casos, a relação com o entorno é muito importante por fatores como a relação entre o lugar e sua história, como para Loty, cuja família historicamente mora na região da Avenida Brasil e consegue pontuar diversas transformações nesse espaço, como a canalização do Rio Monjolo, referenciar espaços, como o edifício que já foi o consulado argentino e hoje é uma loja de móveis. Para Nathalie, sendo estrangeira e se estabelecendo no centro da cidade, pôde observar a verticalização do centro da cidade assim como transformações

na paisagem de fronteira por meio da vista da sacada de seu apartamento, testemunhando diversas modificações.

Em outras situações, a escolha pelo bairro está dissociada de um vínculo precedente com o local, como para Rose, que não possui um grande vínculo com o bairro, mas está nele por qualidades como a tranquilidade e pela casa em si.

A relação da produção pessoal artesanal ou artística com a casa é também uma constante. Vemos os artesanatos de Elza, os quadros pintados por Loty e as cerâmicas feitas pelo marido de Nathalie compondo a decoração. A casa abriga paixões e habilidades.

Quanto às varandas, jardins, áreas externas: é um tópico presente em todos os casos. A característica do trabalho não é fazer generalizações e procurar pontos comuns que expliquem um modo definitivo de viver na cidade de Foz do Iguaçu, mas isso está presente em todos os casos, mostrando que a cidade comporta essa característica, ou, ainda, que é uma característica presente na natureza humana: sua relação com a natureza e construção da moradia que permita essa relação, mesmo que não necessariamente com a vegetação, mas esse outro espaço externo, que ainda configura a casa, mas não o interior.

É importante ressaltar que em nenhuma das visitas todos os cômodos foram mostrados, principalmente quartos referentes a outros moradores da casa, banheiro, lavanderias. Espaços considerados da intimidade alheia ou de desinteresse. Também é notável como, mesmo sendo pedido para que a casa estivesse do jeito que ela é, em todos os casos as moradoras fizeram pequenas organizações no espaços, recolhendo objetos

que estavam “fora do lugar”. A partir do momento que outra pessoa entra nesse espaço de intimidade, ele se torna um espaço diferente, fazendo também parte dessa dinâmica do uso da casa, onde, geralmente, procura-se a versão mais organizada, onde se esconde também algumas marcas de uso.

As ausências também estão presentes. Ao construir casas, a preocupação com o envelhecimento, acidentes, ou quaisquer mudanças físicas passa a determinar a ocupação dos ambientes. No caso das três moradoras, em idade madura, a questão da acessibilidade aparece. No caso de Loty, cuidar do seu jardim se tornou mais penoso. Para Nathalie, o apartamento sem elevador se tornou um problema a ser resolvido, e, sendo o prédio uma construção coletiva, a solução seria a mudança para outra casa. Elza pensa em construir um sobrado em seu lote, no qual pretende que as circulações verticais sejam por meio de rampas.

A intersecção de diferentes mídias e área de conhecimento, como o uso das visitas nas residências, as fotografias e dos relatos orais, disponíveis em áudio, a organização em forma expositiva procuram não só representar esses territórios de intimidade, procuram valorizar esse olhar para o micro como um espaço de interesse e mapeá-los de outra forma: através do cômodos, dos objetos afetivos, dos vínculos criados no bairro e na cidade, das histórias, dos projetos futuros que aquele ambiente permite, e também compartilhar esses espaços da cidade que não são do alcance público, procurando entender essas informações sensíveis e como elas podem ser agregadas ao fazer arquitetônico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DUARTE, Cristiane Rose; VILLANOVA Roselyne. (org). **Novos Olhares Sobre o Lugar: ferramentas e metodologias da arquitetura à antropologia..** Rio de Janeiro. Contra Capa, FAPERJ. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**. Disponível em: https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/mapas.html?localidade=&recorte=setores_censitarios. Acesso em: 02 abr 2024

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (2009). **Pistas do Método da Cartografia**. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina.

RIBEIRO, Danilo George. **Metamorfoses na cidade: tensões e contradições na produção e apropriação do espaço urbano em Foz do Iguaçu**. 2015. 266 f. Dissertação (Mestrado em Fronteiras, Identidades e Políticas Públicas) - Universidade Estadual do Oeste do Parana, Toledo, 2015. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/2026#preview-link0>. Acesso em: 13 abr 2023.

SOUZA, Aparecida Darc de. **Formação econômica e social de Foz do Iguaçu: um estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970-2008)**. 2009. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/T.8.2009.tde-21102013-162826. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-21102013-162826/pt-br.php>. Acesso em: 12 abr 2023.

SPERLING, D. M. (2016). **Você (Não) Está Aqui: Convergências no Campo Ampliado das Práticas Cartográficas**. *Indisciplinar*, 2(2), 77-92. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/32766>. Acesso em: 05 abr 2024

Entrevistas

Elza Mendes

Loty Ferreira

Nathalie Husson Granzotto

Roseli Belo dos Santos

